

A via da dor

O martírio
de Cristo em
14 poemas

Nesta edição

- | | |
|---|---|
| 2 — Opinião
Editorial | 13 — Via Dolorosa
Eno Teodoro Wanke |
| 3 — Entrevista
Victor Alegria | 14 — Grande Otelô
J. Antonio |
| 4 — Pedras de Minas
Agenor Gonzaga dos Santos | 15 — Paranoá
Valter Pedrosa |
| 5 — Modernismo — Cabo Verde
C. Nunes | 16 — Paranoá
Valter Pedrosa |
| 6 — Modernismo — Cabo Verde
C. Nunes | 17 — Artigo
Jason Tércio |
| 7 — Transfinito
R. de Melo Souza | 18 — Artigo
Jason Tércio |
| 8 — Transfinito
R. de Melo Souza | 19 — Poesia Visual
Vários |
| 9 — Transfinito
R. de Melo Souza | 20 — Poesia
Vários |
| 10 — Movimento Verde
Ronaldo Cagiano | 21 — Poesia
Vários |
| 11 — Movimento Verde
Ronaldo Cagiano | 22 — Poesia
Vários |
| 12 — Via Dolorosa
Eno Teodoro Wanke | 23 — Cartas |
| | 24 — Parque de Los Poeta |

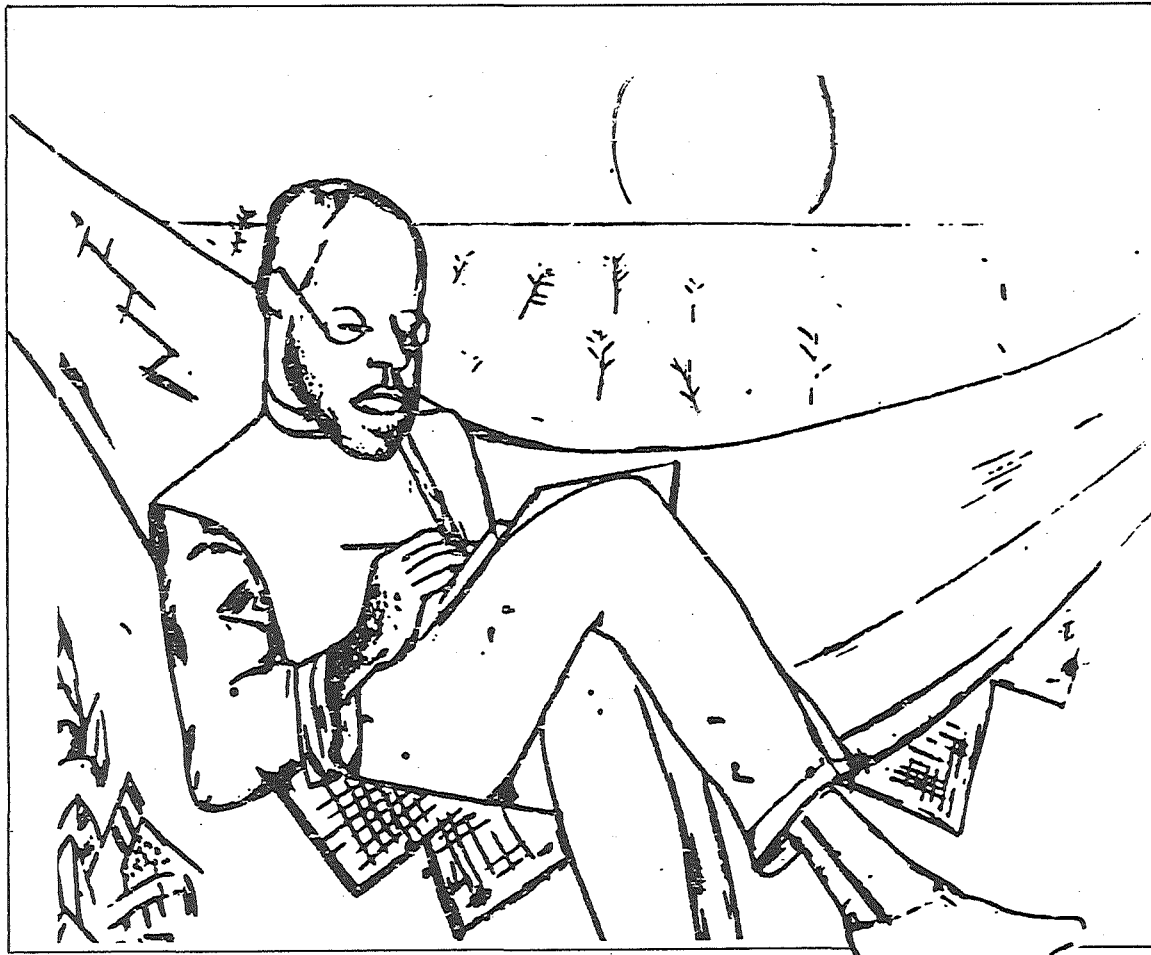
A Presença do Brasil na Cultura de Cabo Verde

□ Cassiano Nunes

De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento **Claridade**, no Cabo Verde, surgido em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipélago. Encontrou a autor consagrado de **CHIQUINHO**, no Brasil literário da época, o modelo de trabalho e inspiração. Tornou-se lendária a amizade entre Baltasar Lopes e Ribeiro Couto, santista, poeta e contista de alta qualidade e criador da "teoria do homem cordial brasileiro". A influência dos escritores Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge Amado e alguns autores nordestinos como Jorge de Lima e Amando Fontes sobre os literatos caboverdianos, tornou-se fato evidente. Temos prova disso ao lermos as numerosas entrevistas de autores caboverdianos, coligidas por Michel Laban em dois volumes indispensáveis para o estudo da literatura da antiga colônia lusa.

Num ensaio "Cabo Verde visto por Gilberto Freyre", Baltasar Lopes explica como a leitura de certos autores modernos brasileiros concorreu para que ele e seus companheiros de geração comesçassem a ver analiticamente a sua terra. Eis algumas das suas palavras: "Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no **nosso problema**, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos o processo de formação destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde.

"Entreviámos o problema



Mário de Andrade,
desenho de
Lasar Segall, 1930

mas faltava-nos a especialização e também a experiência deste tipo de estudos. Se exceptuarmos um ou outro domínio, como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raça e de cultura, do folclore entendido como ciência.

"Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir como auxílio metodológico e como investigação de outras latitudes.

Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas num sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais **pro domo nostra**. Na ficção, o José Lins do Rego do **MENINO DE ENGENHO** e do **BANGUÊ**, o Jorge Amado de **JUBIABÁ** e do **MAR MORTO**; o Armando Fontes d'**OS CORUMBAS**, o Marques Rebelo do "Caso de Mentira", que

conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um alumbamento a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas na minha Vila da Ribeira Brava".

A descoberta da poesia nordestina que o modernismo permitiu eclodir, após alguns anos de sua irrupção, continuou sendo feita pelo autor do **CHIQUINHO** que confes-

sou: "Em poesia outro deslumbramento foi o Jorge de Lima, em que o sinhozismo da "Nêga Fulô" e o super-realismo do "Menino Impossível" emparceiraram na nossa sensibilidade com o Jorge de Lima da **TÚNICA INCONSÚTIL**".

Curioso é notar que não só escritores brasileiros de espírito moderno deram sugestões a Baltasar Lopes. Também Afrânio Peixoto, estranho escritor, ainda não bem estudado pela nossa crítica — poeta **Art Nouveau**, cientista, romancista regionalista, erudito, acadêmico típico deu sugestões para a criação nativista do líder literário caboverdiano. Ao ler **FRUTA DO MATO**, do autor de **BUGRI-NHA**, filho da Chapada Diamantina como Herberto Sales, Baltasar Lopes refletiu: "Tem graça, isto aqui desenhava-me ambientes muito parecidos com os nossos... Por que é que eu não faço qualquer coisa?"

Em 44, surgia o primeiro número de **Certeza**, revista criada por Arnaldo França e alguns colegas seus, discípulos da figura, que podemos chamar de patriarcal, de Baltasar Lopes.

Manuel Ferreira, figura literária muito curiosa, português radicado em Cabo Verde, ou mais exatamente, homem que optou pela caboverdianidade — que ele próprio tenta definir —, conta como surge e como se estabelece o propósito da procura de uma identidade regional entre a juventude caboverdiana: "Era o tempo em que, nessa mesma poesia, conviviam duas pátrias: a pátria portuguesa, a pátria colonial, a superpátria, e a pátria caboverdiana — a mátria". Prossegue descrevendo a evolução mental dessa juventude: "Depois, aqueles jovens sentem necessidade de construir uma literatura nova. Não saberão bem como. Mas às mãos vão ter-lhes os grandes escritores brasileiros Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rego, sociólogos como Gilberto Freyre, Artur Ramos — e tudo se lhes ilumina. Uma realidade social, em muitos aspectos semelhante à sua, está ali nos tex-



Maria de
Lourdes — PSDB

A Regionalização da Cultura

Os artigos 215 e 216 da Constituição brasileira garantem o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional. Apóiam e incentivam a valorização e a difusão das manifestações culturais, bem como definem o patrimônio cultural brasileiro. Como constituinte acredito que avançamos bastante, embora muita coisa pudesse ser conquistada se a regulamentação das leis ordinárias e complementares estivesse

concluída. Uma das maiores reivindicações populares feita na Constituinte foi a regionalização das atividades culturais. Artistas do Brasil inteiro lembravam da influência do eixo Rio-São Paulo na vida artística brasileira e a dependência dos artistas destas cidades. Transferindo esta discussão para o Distrito Federal, necessário se faz a urgente descentralização das atividades culturais do Plano Piloto

para as cidades-satélites, onde reside 75% da população brasiliense. Foram criados os Conselhos da Cultura que, sem maiores incentivos, pouco realizam nas satélites, tão desprovidas de teatros, centros culturais e promoções artísticas.

Uma política cultural seria oportuna para assegurar o que já existe no Plano Piloto e criar alternativas para as populações das cidades-satélites.

tos dos escritores. Têm na sua frente o modelo. A partir daí, tudo foi relativamente fácil — e impressionante”.

Eis o que ele diz sobre a África e sua influência no Cabo Verde. Assim responde a esta pergunta “E a África?”: “Não, África não existe, realmente. Por mais que os africanistas caboverdianos queiram, eles vão perder completamente a batalha, porque a África é realmente diluída, muito diluída. Será a caboverdianidade como é a cubanidade e já está a ser o problema da antilhanidade”.

Teixeira de Sousa, respeitado médico nutricionista, que é também importante romancista de Cabo Verde, também fala do seu conhecimento das letras brasileiras, que, entre as décadas de trinta e cinquenta, salientaram-se fundindo atualidade e autenticidade: “Através dos **claridosos**, tomamos conhecimento da nova vaga literária que assolava o Brasil com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes, Ribeiro Couto à cabeça. Também ficamos empolgados com as vozes que vinham do nordeste brasileiro, cujo ambiente humano se assemelhava ao nosso”. O contista de CONTRA MAR E VENTO esclarece ainda melhor o seu pensamento: “A mensagem presencista despartilhou as vocações literárias levando-as em busca da via pela qual pudessem escrever. A via foi iluminada pela corrente renovadora brasileira da década de 30”.

Luis Romano, de raízes afro-luso-judaicas, vive no Brasil desde 1967. É técnico na indústria salinera e radicou-se no Rio Grande do Norte. É autor do romance FAMINTOS. Em vez de relatar relações literárias, ele prefere comparar estilos de vida: “Após o primeiro impacto, compreendi que o homem nordestino não era senão outro irmão meu: caboverdiano com costumes parecidos e vida quase semelhante. A grande diferença entre eles é que o primeiro vive num país-continente e o segundo nos penhascos de sua ilha. Ambos resistem, com a alternância de fome e fartura, idênti-

cos problemas de desnutrição e desajustamentos sócio-econômicos. A principal realidade social que constatei foi a seguinte: o caboverdiano mantém-se na pobreza endêmica e o nordestino vive na miséria diária. Desse fato criou-se um paralelismo dramático entre irmãos separados pelo mar ligados, porém, pelo escravismo do monstro secular: o latifúndio”.

A doçura brasileira (a “morabeza” caboverdiana) atrai Orlanda Amarilis, esposa de Manuel Ferreira. Leu Graciliano Ramos, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e gostou especialmente de VIDA E MORTE SEVERINA, de João Cabral de Melo Neto, e de O TEMPO E O VENTO, de Érico Veríssimo.

Januário Lopes, sobrinho-neto de José Lopes, na juventude era comparado ao nosso Castro Alves, em virtude de sua basta cabeleira negra. Foi naturalmente leitor do poeta do “Navio Negreiro”, de Casimiro de Abreu, de Olavo Bilac. Os velhos almanaques de Lembranças e Bertrand, segundo esse escritor, difundiam os escritores referidos não só em Portugal como também em Cabo Verde. Adolescente, foi leitor do Almanaque Bertrand que me revelou, sobretudo, as poetisas portuguesas: Branca de Gonta Colaço, Virginia Vitorino, Alice Ogando, Fernanda de Castro...

Januário Leite dá o seu testemunho: “Só tive conhecimento do modernismo brasileiro, a partir de 47, pelo meu tio Baltasar que me deu os livros. Então comecei a conhecer o Mário de Andrade, Bandeira, o Ribeiro Couto, o Jorge de Lima, o Augusto Frederico Schmidt, depois deles, o Drummond, o Ledo Ivo, o Melo Neto e também a ficção em prosa. Em 1947, comecei a conhecer os contos admiráveis de Marques Rebelo”. Lendo o “Quincas Berro d'Água” de Jorge Amado, o caboverdiano encontrava o ambiente da sua ilha de São Vicente. Acentua a semelhança entre brasileiros e caboverdianos e conta que seu tio Baltasar Lopes lhe mostrou algumas vezes cartas de Manuel Bandeira, Ribeiro

Couto e Jorge Amado. Lembra, finalmente, que o conhecido músico caboverdiano B. Léza introduziu, na música morna, o meio-tom brasileiro.

Corsino Fortes, poeta que teve o prazer de conhecer pessoalmente, sugere que, no seu poema “Do Nó de Ser ao Ónus de Crescer”, há uma possível influência do poema “E, agora, José?” do autor da ROSA DO POVO. Armênio Vieira, na prisão, recebeu, de companheiros, livros de Manuel Bandeira. João Varela coloca, a meu ver, corretamente Jorge de Lima entre os grandes poetas do século, Eliot, Pound, Quasimodo, Pes-

“De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento Claridade, no Cabo Verde, surgiu em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipélago”.

soa, Kaváfis e Neruda. Jorge Carlos Fonseca salienta a importância de Jorge Amado e Érico Veríssimo. Jorge Miranda Alfama recorda que o grupo de seus amigos imitava atitudes de “os pastores da noite”, inventados por Jorge Amado, ao passo que Ovídio Martins incrustava Pasárgada no seu mundo poético. Outra geração — a do momento maduro para a revolução — o herói-mártir Amílcar Cabral acusa os **claridosos** de evasionistas e de admiradores aristocratizantes de Pasárgada. Ignorava por certo o lutador patriota a simplicidade de vida do poeta do Beco das Carmelitas.

José Osório de Oliveira, ensaísta luso, muito afeiçoado ao Brasil, tendo chegado a escrever uma pequena mas fina História da Literatura Brasi-

leira, repartia essa paixão ultramarina com o Cabo Verde. Ele estava perfeitamente habilitado a fazer uma análise comparativa entre as duas culturas. Destarte, assim se manifestou: “Os caboverdianos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os Estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho. Um grupo se formou com o nome de “Claridade”.

É sabida a origem do nome do grupo caboverdiano “Claridade”. Proveio do movimento lançado, na França, após o desconsolo da 1ª Grande Guerra, por Henri Barbusse, autor dos livros antitigerreiros e antiimperialistas LE FEU e CLARTÉ. A corrente repercutiu bem na Argentina onde se fundou importante editora chamada “Claridad”. Tanto quanto sei, ela era fortemente política e esquerdista. Curiosamente, em Cabo Verde, perdeu as características políticas. Como Gilberto Freyre, Baltasar Lopes foi até admirador de Charles Maurras, apóstolo da direita. No Brasil, “Clarté” inspirou o grupo de escritores rebeldes ZUMBI, conforme testemunho do comunista e franciscano Afonso Schmidt. No livro SÃO PAULO DOS MEUS AMORES, o poeta do Cubatão primitivo nos deixa o seu testemunho romântico. Schmidt informa que, no Rio de Janeiro, chegou a sair uma revista chamada “Claridade”.

Houve possivelmente bastante correspondência entre escritores caboverdianos e brasileiros. Por isto, deixo aqui uma sugestão: a publicação dessas cartas. Esse relacionamento epistolar evoluiu para atividades de solidariedade literária. Livros caboverdianos, desta maneira, chegaram às mãos de editores

brasileiros.

Essa correspondência, que trata de relações literárias entre o Brasil e o Cabo Verde, praticamente desconhecida no nosso país, merece ser divulgada. É o que demonstra uma carta cordial de José Osório de Oliveira a Manuel Lopes, que aqui vou transcrever:

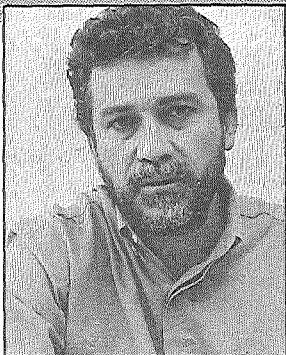
“Poeta:

Antes do mais, no “Boletim de Ariel” (Rio de Janeiro — R. Senador Dantas, 40 — 5ª a — Ano V), de janeiro deste ano, vem um artigo meu onde se lê: “Dois poetas do Cabo Verde, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, vão dar-nos, o primeiro, ARQUIPÉLAGO, e o segundo, MOMENTOS, dois livros de versos sobre o drama e a alma das “ilhas crioulas”. Um filólogo que se fez romancista — miraculosa transformação — vai dar-nos o romance do Cabo Verde. Chama-se o miraculado Baltasar Lopes da Silva e o romance EXPANSÃO”.

Não lhe mando essa revista porque, apesar de ser o correspondente em Portugal, não a recebo, tendo de a comprar dado o desleixo dos brasileiros. Mas mande à redação a “Claridade”, pedindo a permuta e o envio desse número de janeiro”.

Através da correspondência, José Osório de Oliveira recomenda a Baltasar Lopes que mande o seu romance para um editor brasileiro por intermédio de Lins do Rego ou Gilberto Freyre. Recomenda-lhe também que remeta a revista “Claridade” a Ribeiro Couto que muito se interessa por Cabo Verde (endereço: 136, Van der Astraat, La Haye, Pays Bas.). Aconselha que faça o mesmo para Jorge de Lima (Praça Floriano, 55 — 11º andar — Rio de Janeiro), e para Mário de Andrade (R. Lopes Chaves, 106 — São Paulo).

Ainda recentemente lendo a biografia de Jack Kerouac, de Ann Charters, pude verificar a importância da correspondência para a compreensão de uma obra literária. É uma pena que, nos departamentos de Letras das nossas universidades, se dê tão pouca importância ao material epistolográfico.



Geraldo Magela — PT

Contra o esvaziamento cultural de Brasília

Desde que os órgãos nacionais de comunicação retomaram a campanha pela volta da capital da República para o Rio de Janeiro, muitos ministérios embarcaram no movimento e fazem manobras de esvaziamento gradativo de Brasília.

O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), segundo os

decretos que os criaram, devem ser sediados em Brasília, mas esta determinação nunca foi respeitada.

Querem descaracterizar Brasília como pólo de integração política, científica e cultural do país. Este movimento é um retrocesso para o Brasil, pois com a transferência da capital para o Centro-Oeste, o país ganhou em todos os sentidos. Ocupou fisicamente grandes extensões de

terras ricas e abandonadas e recuperou o sentido de nacionalidade ao voltar suas atenções para milhares de brasileiros cuja cultura não era respeitada nem conhecida nacionalmente.

Defender Brasília não é uma atitude provinciana. Significa a defesa da diversidade cultural, a consolidação do Centro-Oeste como pólo de desenvolvimento para o Brasil.